



Ponto de Vista
Point of View

**A CIDADE E A PANDEMIA: NOTAS SOBRE OS DIAS QUE NÃO
PASSAM...**

THE CITY AND THE PANDEMIC: NOTES ON THE DAYS THAT DO NOT PASS...

Elicely Cesário Fernandes¹

O ano era 2020, o mês março e o dia 19. A cidade era Uiraúna, estado da Paraíba. Nesta data nós paramos, sim, literalmente paramos. O decreto editado pelo Gabinete do Prefeito fechava todos os estabelecimentos comerciais e públicos, mantendo abertos apenas àqueles considerados essenciais, inclusive apenas os serviços públicos essenciais também puderam abrir. As escolas fecharam e as aulas passaram a ser por meio remoto, o verdadeiro ensino EAD. Começava uma luta por sobrevivência.

Era o medo do que se chamou de Novo Coronavírus, causador da COVID-19, que tomava conta de todos, não somente na pequena cidade de Uiraúna, mas no mundo inteiro. As perguntas que nos rondavam eram: até quando isso vai durar? Até quando permaneceremos em casa? O que fazer para matar o vírus? Quais alternativas para curar a doença? Era muita indefinição!

¹ Formada em Direito pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Sousa; Advogada e aluna do Mestrado em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido – UERN/Pau dos Ferros. E-mail: elicely_uir@hotmail.com

Inicialmente ficamos parados e trancados por 15 dias, isto para “achatar a curva de transmissão”, era o que nos diziam. Precisávamos nos manter isolados, distantes uns dos outros, verdadeiramente guardados em uma bolha onde nada pudesse entrar.

Porém, os dias passavam e os casos aumentavam, surgiam as mortes e as discussões sobre o que curava e o que não curava a Covid-19. O medo tomava conta de todos. Muitos ficaram realmente trancados em casa. Aqueles que podiam trabalhar pelo sistema *Home Office* permaneciam em casa e, quem não podia, teve que voltar às ruas passados os 15 dias iniciais de reclusão obrigatória. Parecia uma prisão. A cidade estava deserta, as pessoas não saiam nem para o banho de sol. Até mesmo sentar-se na calçada como a gente faz aqui no interior ficou restrito.

Nesse mesmo período observei pessoas sendo demitidas de seus trabalhos. Alguns cidadãos de Uiraúna que residiam em São Paulo perderam seus empregos e tiveram que tornar à terra natal. Seria apenas para passar uma temporada enquanto tudo acalmava. Ocorre que nada acalmou e eles não retornaram mais. Permaneceram na casa de seus pais, abrigados, acolhidos, onde não faltava o alimento necessário para a vida.

Os dias passavam e ninguém via uma luz ao final. Não havia remédio. Não havia vacina. Não havia jeito! O que pregavam era o isolamento, a higienização das mãos, o uso do álcool gel 70^o, o uso de máscaras. Então começou uma verdadeira corrida pela compra desses materiais. Máscaras eram feitas em casa, álcool era fabricado às pressas, sem registro e sem qualidade. Diante de tanta procura, acabou faltando nas fábricas, o preço subiu incrivelmente, o capitalismo chegou feroz, levando tudo o que podia, passando por cima de tudo, aproveitando-se das necessidades mais básicas, como lá no começo, na sua origem.

Com o passar dos dias, a escassez da matéria-prima e da mão-de-obra, com o dólar em alta, os produtos começaram ter seus preços elevados extraordinariamente, principalmente os aparelhos eletrônicos. Porém, nem tudo é para sempre...

Medeiros (2020) afirmou muito bem quando falou sobre o assunto, que desde o começo da pandemia o tempo da produção, da realização do capital, em escala global tem sido colocado à prova. “As economias liberais estimuladas pela ampla concorrência entre pessoas e empresas parece não encontrar saídas competitivas para suplantar os labirintos impostos pela nova condição sanitária do mundo” (Medeiros, 2020, p. 2).

Não era apenas o Coronavírus que assustava, era o modo como as pessoas o utilizavam e se aproveitavam do momento. Eis que se passaram alguns meses, a pandemia teve dias de mansidão, todos acharam que o pior havia passado, as vacinas estavam sendo testadas e aprovadas. Havia, enfim, a luz no final.

Ocorre que, as grandes aglomerações provocadas pelo período eleitoral, as festas de final de ano, Natal e Ano Novo, os feriados aliados à imensa vontade das pessoas de festejar, de passear, de aglomerar, de se libertar fez com que o vírus feroz se armasse novamente e uma nova onda acontecesse, sem possibilidades de sermos bons surfistas para passar por ela, pois havia não somente a fragilidade do corpo humano, mas a falta de estrutura de organismos públicos de saúde e de política pública eficiente e capaz de suportar os ataques imprevistos dos inimigos, ou melhor, os ataques eram previstos, mas ninguém se preparou suficientemente bem para eles.

Ao menos em nível de Brasil o trato da pandemia se mostrou desastroso. E não falo isso com críticas a governo de quem quer que seja. Apenas aponto o que vi e o que senti.

O Coronavírus se proliferou rapidamente, novas cepas surgiram, variantes nacionais e internacionais vieram ampliar o terror que estava sendo viver. É certo que as cidades se viram ameaçadas em suas estruturas arquitetônicas construídas para serem aproveitadas pelos indivíduos, gerando riqueza, a exemplo dos shoppings centers, cinemas, praças de alimentação, restaurantes luxuosos e até os quiosques e espetinhos da esquina. Os shows badalados de Wesley Safadão, Gusttavo Lima, Xandy Avíões, Ivete Sangalo, Cláudia Leite, e os imensos carnavais de Salvador, do Rio de Janeiro, de São Paulo, todos tiveram que ser cancelados. O São João de Campina Grande e de Caruaru foram suspensos.

Nas cidades pequenas os carnavais badalados também pararam, aqui o nosso Unafrevo silenciou. O São João da cidade Sousa não pode acontecer. Cajazeiras também se aquietou.

As pessoas deixaram suas práticas de vida social ao ar livre e com aglomerações para viverem em suas bolhas, e isto afetou até a pequena cidade de Uiraúna, no estado da Paraíba.

Ocorre que, o temido vírus nos impôs à criatividade, a um redirecionamento da vida social, à busca por alternativas de sobrevivência. Foi necessário utilizar o *modus operandi* da reconstrução, ressignificação, adaptação, ou o que chamamos de boa e velha “volta por cima”!

É cediço que o ser humano é muito criativo, logo utilizou dos mecanismos que tinha a sua disposição para superar essa adversidade provocada pelo Coronavírus. Várias *lives* passaram a ser realizadas, tanto por cantores famosos quanto por cantores desconhecidos locais. Houve até o que chamo de igualdade, pois aquele mais rico, que podia pagar o ingresso em um show de Safadão, e aquele mais carente, que não tinha dinheiro nem para comer, todos puderam assistir e participar dos eventos. As *lives* chegaram em todos os lugares. Até o São João de Campina Grande/PB foi realizado por meio de *live* e está em seu segundo ano.

No âmbito do comércio de alimentos, eis que a modalidade *delivery* tomou força e todos os restaurantes, espetinhos, pizzarias, pontos de açaí, sorveterias, docerias, passaram a operar com entregas.

Além disso, o comércio de variedades também inovou. Criaram *whatsapps* e começaram a vender e entregar os produtos. A divulgação passou a ser feita por meio do aplicativo *Instagram*, que também recebia pedidos por meio do *direct*. Tudo para driblar a crise e as dificuldades financeiras ocasionadas por ela.

Em datas mais recentes os empreendedores descobriram uma nova maneira de vender seus produtos. Atualmente realizam *lives* para vendas e quase todos os seus produtos são vendidos. A maioria das vezes as *lives* são promocionais, mas têm feito muito sucesso, ao menos aqui na cidade de Uiraúna/PB.

Veja que a comunicação social tem adquirido maior relevância nesses últimos tempos e prática das vendas pela internet tem favorecido, de certo modo, o empresário, principalmente os menores. Aquele que consegue chegar em um maior número de pessoas, consegue vender maior número de produtos. Apesar das reclamações sobre a crise, que tem realmente acontecido, verifica-se que todos procuram se recuperar dela, lutando por sua sobrevivência e pela preservação do seu negócio.

Medeiros (2020) observa que os significativos avanços técnicos impõem uma nova forma de interação da vida coletiva e permitem sinalizar a construção de vias alternativas aos futuros projetos de reconstrução nacional em grande parte do mundo.

Medeiros (2020, p. 2) ainda afirma:

Neste momento, de tamanha preocupação global, revigoram-se relações antes esquecidas pela aceleração do tempo da produção. Produzir, agora, significa, antes, refletir. A reflexão antecede a produção, justamente, porque esta foi impedida de continuar o ciclo de “prosperidade” amplamente divulgado pelas economias liberais. O espaço, antes pensado a partir de uma relação métrica e absoluta, se relativiza em meio às novas condições de realização da vida coletiva.

É impossível não concordar com essa análise depois de viver todos os dias sob a égide do medo nesta pandemia. O impacto que a pandemia causou em todo o mundo, com a rápida proliferação do vírus, impôs a todos um redirecionamento de suas vidas. As cidades maiores sofreram, e sofrem, muito mais, é bem verdade, mas as cidades pequenas estão em colapso também, pois aqui estão os pequenos empresários, os quais perderam seus estabelecimentos, ou tiveram que demitir seus funcionários porque as vendas reduziram.

Ramos (2020, p. 2) afirma que a periferia do sistema capitalista está adentrando agora ao estado de urgência e calamidade, apenas o tempo vindouro dirá e demonstrará o que irá acontecer, pois as consequências ainda são incertas e especulativas, porém o prognóstico é assustador.

Com relação ao que acontece nas cidades, o referido autor afirma algo interessante, apontando que, invariavelmente e em diferentes escalas, o mundo do trabalho será profundamente impactado pela pandemia, como já dito aqui, mas, além disso, as diferenças na infraestrutura urbana e seus níveis de segregação, desigualdade e desenvolvimento socioespacial farão toda diferença nas consequências desse momento histórico no futuro das cidades (Ramos, 2020).

O Coronavírus não trouxe apenas a doença COVID-19, nem somente o medo e a morte. Trouxe provocações reais que atingem a fragilidade humana e nos fazem pensar que somos passageiros nesse mundo. Muitos sentiram o peso da Covid-19 no bolso, mas muitos sentiram esse peso na alma.

Para mim o peso veio na alma. Meu irmão adoeceu cuidando de pacientes com Covid, foram dias de preocupação e de pavor. Foi curado, celebramos por isso. Em seguida, minha avó adoeceu e foi hospitalizada, ao mesmo tempo em que meu pai testara positivo. No dia que meu pai recebia o diagnóstico da cura, recebia também a notícia do falecimento de sua mãe, não conseguíamos celebrar, a dor nos transpassava o coração.

A pandemia é um peso que somente descarregará quando estivermos conscientes de nossa fragilidade. Somos frágeis em nosso corpo, mas somos muito mais frágeis para suportar doenças em nossos sistemas de saúde.

As cidades jamais esquecerão o impacto que sofreram pelo vírus imbatível e eu jamais esquecerei aquele 19 de março de 2020, quando redigi o decreto que fechava a cidade. Jamais esquecerei o dia que sepultei minha avó. Hoje, dia 13 de junho de 2021, o Brasil conta com 487.476 óbitos e 17.413.996 casos de Covid-19. Temos a vacina e eu desejo que ela chegue a todos, para que possamos viver no mundo novo: o mundo do novo normal.

REFERÊNCIAS

Ramos, T. T. (2020). Pandemia é pandemia em qualquer lugar – vivendo a crise da Covid-19 de fora dos grandes centros. *Espaço e Economia* [Online], 18 | 2020, posto online no dia 17 abril 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/11406>> Acesso em: 13 jun 2021.

Medeiros, J. F. da S. (2020). A pandemia e seus (des)caminhos. *Espaço e Economia* [Online], 18 | 2020, posto online no dia 22 abril 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/13141>> Acesso em: 13 jun 2021.

Cronologia do Processo Editorial

Editorial Process Chronology

Recebido em: 18/12/2021

Aprovado em: 09/05/2022

Received in: December 18, 2021

Approved in: May 09, 2022